

## COMO VI O MUNDIAL DE 1966

CARLOS FIOLEAIS

Professor de Física da Universidade de Coimbra

Para mim o Mundial de Futebol de 1966 – meu Deus, já passaram cinquenta anos! – foi, acima de tudo, o jogo Portugal-Coreia do Norte. Nunca me esqueci e nunca me vou esquecer. Foi no dia 23 de Julho de 1966 no estádio Goodison em Liverpool, perante mais de 40 mil espectadores, pelas 15 horas da tarde, hora tanto britânica como portuguesa (tudo isto são informações que o Google me dá com um clique rápido, algo impensável há meio século). Eu tinha feito, há pouco mais de um mês, dez anos. Gostava de futebol e era, como ainda sou hoje, embora não exerça muito, da Académica de Coimbra: via os jogos da Briosca por um binóculo de uma janela da Cumeada e assistia a alguns treinos no campo pelado de Santa Cruz, não muito longe do que haveria de ser o meu liceu durante sete anos (tinha entrado no Liceu Nacional de D. João III, hoje Escola Secundária de José Falcão, precisamente em Outubro de 1965, após ter sido aprovado no exame da quarta classe e na prova de admissão aos liceus). Para mim o jogo teve lugar na sala de convívio e bar do quartel onde o meu pai trabalhava. Na altura a televisão era um luxo que não abundava nas casas de família mas era partilhada nos cafés. Muitos olhos, todos eles masculinos pois o ambiente ali era militar, estavam fixos num pequeno ecrã evidentemente a preto e branco (a televisão a cores só haveria de aparecer uns quatro anos após a revolução de 25 de Abril de 1974). A equipa lusa, dita dos Magriços em homenagem aos semi-lendários «Doze de Inglaterra», tinha na fase de grupos batido a Hungria, a Bulgária e o favorito Brasil, num jogo rijamente disputado. Agora era uma partida dos quartos-de-final e a equipa nacional batia-se contra uma desconhecida Coreia do Norte que, surpreendentemente, tinha batido a poderosa Itália.

O desconsolo da audiência começou logo a um minuto do jogo quando um norte-coreano bateu o guarda-redes português José Pereira. Houve quem pensasse que um golo era fácil de recuperar, mas não tardou a vir um outro e mais outro. Aos 25 minutos de jogo a Coreia já estava a bater-nos por 3-0. Mais do que isso, os coreanos estavam de facto a jogar melhor – corriam como uns desalmados. Lembro-me de ver um enxame de jogadores de branco muito pequeninos e muito rápidos na tal TV a preto e branco. Uma névoa espessa de desilusão assentou praça naquela sala. Houve quem não quisesse ver mais. O jogo parecia acabado.

Mas não estava acabado para Eusébio, então no auge da sua forma. O negro moçambicano, vestido de uma camisola vermelha que na TV era cinzenta, meteu-se em brios e não se ficou perante os brancos. Reduziria para 2-3 ainda antes de soar o apito do árbitro, todo vestido de negro de modo que a TV não lhe alterava a cor, para terminar a primeira parte. Na segunda parte o mesmíssimo Eusébio haveria de meter mais dois golos, para o seu companheiro do Benfica e da seleção José Augusto concluir com uma cabeçada certa a dez minutos do fim. O resultado final foi 5-3, a nosso favor. Cada golo originava uma explosão de palmas e júbilo não só na sala onde eu estava, mas também decerto nas salas congéneres espalhadas pelo país. Todos os olhos lusitanos estavam em Liverpool. O último golo não era sequer preciso, pois Eusébio, que nesse jogo se tornou uma lenda, ganhou, por assim dizer, sozinho, por 4-3 aos coreanos. Os golos de Eusébio estão na Internet em qualquer ecrã perto de si, uma vez que agora existem ecrãs coloridos por todo o lado que servem, à vontade do freguês, todos os golos de qualquer sítio do mundo, a qualquer hora do dia e da noite. Os aparelhos de hoje são muito mais finos do que outrora e o jogo Portugal-Coreia do Norte pode até ser visto a cores, ainda que um pouco desmaiadas.

As emoções mais fortes são as que perduram perenes. Já mal me lembro da derrota nas meias-finais de Portugal, no estádio de Wembley em Londres, contra a Inglaterra, com Eusébio banhado em lágrimas no final (as imagens podem também ser vistas na Internet, mas eu não mais as voltei a ver). Para um miúdo de dez anos o que ficou foi uma lição para a vida: nunca desistir, quaisquer que sejam as circunstâncias, mesmo que o nosso nome não seja Eusébio. Recordo-me, em particular, da rapidez com que ele, após meter a bola no fundo das redes, a ia buscar para a colocar no

centro do relvado. Eusébio só houve um, mas, se metermos qualquer golo, devemos lembrar-nos como ele fazia: em vez de perder tempo a festejar, ia buscar a bola à baliza, para o jogo recomeçar mais depressa.

Ah, de 1966 lembro-me também de Madalena Iglésias e da canção «Ele e Ela» («*Sei quem ele é / Ele é bom rapaz um pouco tímido até...*»), que ficou em 13º lugar no Concurso da Eurovisão, o outro evento televisivo que além da televisão atraía os olhares de um país a preto e branco. Hoje Portugal tornou-se um país colorido, enquanto a Coreia do Norte permanece a preto e branco. É assim o tempo: passa nuns sítios, acelerando por vezes vertiginosamente, e noutros permanece pasmado.